

A FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DAS DORES EM TERESINA (PI) DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX À CONTEMPORANEIDADE DO SÉCULO XXI

FRANCISCA MÁRCIA COSTA DE SOUZA¹

A Festa em louvor a Nossa Senhora das Dores ocorre na cidade de Teresina, capital do Piauí, desde a segunda metade do século XIX. Contudo, esse estudo se debruça sobre as celebrações que aconteceram a partir da segunda metade do século XX aos anos de 2012. A Festa é entendida neste trabalho como um objeto de estudo do historiador, mas reconhece pesquisas outrora realizadas por folcloristas e etnólogos. Consideramos o lugar da Festa, dos ritos e os rituais da vida coletiva, os domínios marcados pelos memorialistas, viajantes, literatos e juristas, no último quartel do século XIX, que buscaram nas manifestações lúdicas a fundamentação da nacionalidade brasileira.

Nos anos 1930, houve uma renovação do estudo sobre as festas, especialmente com o movimento modernista e o desenvolvimento do ensino das Ciências Sociais no Brasil. Essa perspectiva de cunho sociológico e antropológico era menos folclórica e a preocupação recaiu sobre as culturas tradicionais no processo de urbanização acelerada, na mestiçagem, no sincretismo religioso e no processo de aculturação e integração do imigrante estrangeiro à cultural local. Mário de Andrade e Câmara Cascudo promoveram renovações na pesquisa folclórica, apontaram novos paradigmas para o estudo da cultura popular, alicerçada sobre a etnologia americana e europeia.

Na historiografia francesa – *Nouvelle histoire* - nos de 1970, a perspectiva adotada contemplou a abordagem antropológica das sociabilidades coletivas e da politização da vida cotidiana, potencializando o estudo da vida privada no Brasil. As festividades religiosas e outras celebrações na América portuguesa asseguraram o processo de tradução e interação entre a cultura do Velho e do Novo mundo, como também permitiram suavizar os contrastes sociais ao tempo em que faziam circular os valores, os costumes e as solidariedades. No universo de sentidos e significados, as festas forneciam/em ocasiões de manifestar as diferenças culturais os descontentamentos e a alegria. A festa é o momento de solenidade, de

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Essa pesquisa foi financiada pela CAPES/MinC/Programa Pró-Cultura, projeto “Memória, Cultura, Identidade e Patrimônio Cultural”, Coordenado pela Dr.^a Áurea da Paz Pinheiro.

iluminação, de visibilidade do povo. A festa religiosa perpassa um ideal moral e religioso, é uma celebração de devoção, de fé, de exaltação da entidade divina.

A devoção a Nossa Senhora das Dores é uma das heranças religiosas portuguesas do catolicismo barroco. As festas em louvor aos santos padroeiros no nordeste têm muitos traços do catolicismo barroco, com suas origens cristãs medievais: romarias, ex-votos, promessas, novenas, *via sacra*. Essas Festas foram [res] significadas em um processo complexo de hibridização de elementos pagãos, mouros ou afro-ameríndios; são ricas e complexas, nelas estão presentes símbolos, gestos, sons, expressões corporais, expressões de sentidos e significados, que ocorrem de formas diversas e em distintos espaços e contextos sociais e culturais.

Em sentido *lato*, a cultura barroca das festas brasileiras não dissocia o sagrado do profano - há uma forma sensível, estética e sensual de festejar no Brasil. As festas religiosas brasileiras são celebradas com danças, músicas, comidas, manifestações de fé e de devoção, são expressões de ritmos e sons que se hibridizam ao longo do tempo, de geração em geração. Na História do Brasil, os leigos e as irmandades conduziram as festas do catolicismo barroco. Nelas havia e há sobrevivências do paganismo. Aquelas associações de classe, profissão, estabeleceram entre si solidariedades; os laços eram firmados, os irmãos se reconheciam na doença, na hora da morte, na invalidez. As festas aos padroeiros eram momentos fortes para as irmandades, na vida dos irmãos. Nessas festas, além de missas, procissões e novenas, havia fogos de artifício, barracas de comidas e bebidas, coretos, danças, músicas, manifestações culturais híbridas, marcadas pelo encontro entre práticas mágico-religiosas de índios, negros e brancos portugueses. Essas Associações se configuram como espaços de sociabilidades, organizações de leigos, que estavam presentes em todo o país, no Piauí não poderia ter sido diferente.

Para realizar essa pesquisa, tomamos como uma das referências o trabalho da Martha Abreu, *O Império do Divino (1999)*. Essa historiadora constrói a história social da cultura da Festa do Divino Espírito Santo, na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX. Segundo a historiadora, as festas do Divino Espírito Santo atravessaram o século XIX,

chegando ao século XX [1830-1900], conforme os pedidos de licença para barracas e festas junto à Câmara Municipal. Essa Festa foi organizada pela Irmandade do Divino Espírito Santo, nos primeiros anos acontecia no Campo de Santana, onde havia feira livre, barracas de bebidas e jogos, leilões, atrações de circo, a famosa barraca “Três cidras do Amor”, peças teatrais e até batuques. Havia os negócios do sagrado com as vendas de velas, imagens dos Espíritos Santos. Os fogos eram as maiores atrações, as danças, músicas e comidas da cultura negra. O trabalho de Abreu é inovador quanto ao diálogo que a autora estabelece com as fontes e ao tratamento teórico-metodológico dado à compreensão da Festa como objeto do conhecimento histórico.

A Festa do Divino foi escrita a partir da perspectiva dos festeiros, dos irmãos do divino, das autoridades municipais, policiais, dos devotos, dos frequentadores, dos populares. Foram utilizados os memorialistas, a literatura e os relatos de viajantes. A autora estabeleceu ainda diálogos os discursos e medidas de urbanização e civilização do centro urbano da cidade do Rio de Janeiro, capital imperial à época. Faziam-se pedidos de licença junto à Câmara Municipal para os jogos e festas toleradas e permitidas. A polícia e as posturas municipais regularam as festas religiosas aos divertimentos populares.

A Festa do Divino é uma celebração híbrida, embora poucas vezes Martha Abreu cite a palavra ou o conceito de hibridismo, nem tão pouco sincretismo. Como admiradora de Mello Moraes Filho, “nem completamente romântico, nem totalmente folclorista” (ABREU, 1999: 157), compartilha a perspectiva de que a festa “católica e popular, tornava-se o local de criação do ‘povo’, formada pela união do português, do africano e do mestiço” (ABREU, 1999: 149).

Nessa linha de reflexão é possível dizer que a Festa do Divino é uma mistura de várias “cores”, ritmos e sentidos.

As festas do Divino, por exemplo, criavam um local de encontro e comunicação entre variados segmentos sociais e gêneros musicais. As pessoas que as frequentavam, apesar de suas diferenças e possíveis conflitos, tinham a oportunidade de compartilhar e intercambiar risos, movimentos, ritmos e danças variadas (ABREU, 1999: 159).

Mello Moraes Filho redefiniu o que seria cultura popular de negros e mestiços no Brasil, tendo em vista a relação entre os dialetos populares e a língua nacional, uma vez que conferiu às festas populares traços da nacionalidade brasileira. Mello Moraes Filho de forma inovadora descreveu e associou as festas religiosas católicas às tradições portuguesas e africanas, à identidade nacional brasileira, bem antes dos anos vinte e trinta do século XX.

Meu argumento é que o autor [Mello Moraes Filho] foi um agente da aproximação entre as culturas, não simplesmente por organizar reisados para o Visconde de Ouro Preto, mas por ser um dos primeiros teóricos desta aproximação [e versão] e por divulgar no mundo das letras Festas populares no Brasil, em 1888. E esta constatação é importante, não apenas pela época de sua produção, em plena abolição da escravidão, mas pela dimensão que ganharia nos anos posteriores (ABREU, 1999: 149).

Para Martha Abreu (1999), as festas, sendo elas, religiosas, cívicas ou carnavalescas, revelam “uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presente em suas celebrações” (ABREU, 1999: 38). Dessa maneira, “não há festa imóvel” (ABREU, 1999: 38), pois são recriadas, apropriadas de acordo com o grupo o tempo social a que pertencem, revelam tensões e dinâmicas das experiências de homens e mulheres.

Encontro com Dona Ceíça: caminhante – devota de Nossa Senhora das Dores

As festas em louvor a Nossa Senhora das Dores ocorrem em todo o Brasil. Em Teresina, a celebração faz parte do patrimônio imaterial dos teresinenses, especialmente da história e da memória dos caminhantes - devotos. Os fieis a Nossa Senhora das Dores são denominados neste estudo de caminhantes - devotos.

Para Michel Certeau (1996), caminhantes são os praticantes, aqueles que com sua enunciação pedestre conhecem, exploram o bairro ou, no caso deste estudo, a festa da igreja, porque andam pela cidade e, assim, sabem distinguir os declives, as pedras, os cheiros; uma vez que estão nos lugares de devoção de algum modo. Além de caminhantes são também devotos de Nossa Senhora das Dores. Praticam a festa, tornado-a sua; celebração modificadora de atitudes sociais amplas e íntimas. A prática é o movimento que imprime às coisas e aos lugares o vento modificador da história.

O devoto define o caminhante da cidade porque ele é informado por uma comunidade religiosa, a saber, a paróquia de Nossa Senhora das Dores. Dessa maneira, por mais que o discurso urbanista defina o bairro onde eles moram - o Centro de Teresina, isso faz do lugar onde vivem ou viveram uma porção da cidade amplamente transitável e de todo mundo, apesar disso, aquela porção de todo mundo conserva algo deles, algo que lhes é particular, denso e afetivo. Por isso que o devoto especifica-os como pertencentes a uma comunidade, cujo contorno é afetivo, por conta das relações tecidas em virtude das festas de Nossa Senhora das Dores e dos passos caminheiros de todos os dias. O devoto é o termo que define para os caminhanes - devotos o pertencimento ao lugar, embora eles estejam conscientes de que o movimento subjaz esse lugar próprio.

Entre os vários caminhanes-devotos da festa de Nossa Senhora das Dores, nos deteremos apenas sobre Conceição Sobreira, conhecida na Comunidade Das Dores como Dona Ceíça, foi professora, formada em Geografia, tem 58 anos, nascida em Teresina. Seu pai era do interior do Maranhão e sua mãe era teresinense, sempre morou na paróquia de Nossa Senhora das Dores, na rua Santa Luzia. Essa Senhora foi uma das primeiras pessoas da paróquia com quem entramos em contato.

Eu sou Conceição de Maria de Meneses Sobreira, 58 anos, e nasci aqui em Teresina. Sempre fui dessa paróquia. Toda vida trabalhei em várias associações e movimentos daqui da paróquia. Eu sou conhecida como Ceíça. Geralmente, as pessoas com quem eu convivo são da minha idade e os jovens me chamam de Dona Conceição. Os da minha idade me chamam de Conceição ou Ceíça, eu não tenho apelido. Eu sempre morei aqui. Os meus pais são daqui. Praticamente, meu pai veio pra cá com dezoito anos. Ele era do sul do Maranhão. E a minha mãe é daqui. E ele veio do interior pra cá, aqui eles se encontraram, começaram a trabalhar juntos, se casaram e tiveram doze filhos, ficaram vivos dez e os dois primeiros morreram (SOBREIRA, 2010: s/p).

Através de nossas conversas e visitas à sua casa, entramos em contato com o mundo cultural, simbólico dessa caminhante - devota. Em uma tarde de muito sol na cidade de Teresina, chegamos à casa de Dona Ceíça. Antes que fossêmos recebida por ela, deparamos-nos, ainda na rua Santa Luzia, com o seu altar doméstico, que nos apresentou. Da rua se vê logo a entrada da casa, seu portão com grade, cujo espaçamento entre elas nos permite ver o interior da casa e dali mesmo nos comunicar sem nenhum atropelo, casa e rua estão ligadas.

Assim, os movimentos que ocorriam na rua, o barulho, o ruído, os passos de estranhos adentravam à casa de Dona Ceíça. O altar está na sala de visita, de frente à porta que dá acesso ao terraço, cômodo que por sua vez estabelece o limite entre a casa e a rua.

À medida que percorríamos os espaços de sua casa, Dona Ceíça nos apontava objetos, quadros, relatava-nos momentos de sua vida que ainda repercutiam com toda vitalidade. Falou desses objetos de lembranças, contou-nos a história do seu oratório e dos altares. Mostrou-nos os seus cartões postais, falou de sua vida cotidiana. As portas da casa de Dona Ceíça eram espaços de passagens, pois quando nos aproximávamos de outro cômodo, éramos avisados, advertidos de sua importância, de sua fragilidade, de sua beleza, de sua afetividade. Ao adentrarmos o quarto de Dona Ceíça, não fora diferente. Antes de abrir a porta, ela nos fez ver um quadro de Nossa Senhora com Jesus Crucificado, passaríamos, talvez, sem percebê-lo, sem olhar para o alto, para a extremidade superior da porta.

Dessa maneira, fomos advertido pelo destaque que dera aos quadros, haviam sido de sua Mãe, Dona Amélia. Além disso, o quarto era dos seus pais. Por isso, Dona Ceíça nos fez perceber aquela marca afetiva. Na parede contínua à porta, estava o quadro que fora de sua mãe e que Dona Ceíça se esforçara para mantê-lo intacto, expressivo; alertava para a qualidade daquele espaço. O quarto que, por muito tempo, fora abrigo da intimidade dos pais, agora, era seu lugar de repouso, oração. “O espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns, há de contar-nos algo do que foram essas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistem a alteridade e tomaram algo do que fomos” (BOSI, 1994: 443).

Assim, na casa, nas paredes, nos objetos, no quarto, na sala, nos corredores, relatos, ecos da intimidade. Falam sobre uma experiência de vida. A casa não é só uma casa, é um espaço da memória. Diz muito sobre seus moradores, sobre os gostos pessoais, sobre as limitações, os sentimentos; na casa recebemos as primeiras noções de civilidade, de sociabilidade, aprendemos a gostar de pratos doces ou salgados. A partir da nossa casa, descobrimos o resto, a calçada, a casa do vizinho, a “quitanda”, a igreja, a praça, as ruas e seus códigos.

Se a mobilidade e a contigência acompanha nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto, amamos a quietude, a disposição tácita mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. O arranjo de sala cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o repouso e a mesa de cabeceira os instantes prévios, o ritual antes do sono. A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra. Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam (BOSI, 1994: 441).

Essas relações só podem ser compreendidas no interior de uma escuta atenta aos sentimentos, às particularidades, sentidos que são vivências pulsantes, que jorram estabilidade à presença de pessoas queridas, que dão sentido àqueles que vivem naquele espaço e entre aqueles objetos. Dessa forma, essa foi a perspectiva que nos orientou nos contatos que estabelecemos com os festeiros de Nossa Senhora das Dores.

A Alvorada e o banquete festivo

O festejo (CONVITE, 2011: s/p) em louvor a Nossa Senhora das Dores é tradicional em Teresina, é realizado entre os dias 6 e 15 de setembro. É uma festa que celebra a Padroeira da Arquidiocese de Teresina. A celebração tem muitos momentos solenes. A parte litúrgica é vivenciada da seguinte maneira: às 18h15 há meditação das Sete Dores de Nossa Senhora e todas as noites, às 19h, tem missa-novena. No dia 15, o dia de Nossa Senhora, acontece às 12h a missa de Nossa Senhora e às 18h a “Recitação Solene das Vésperas”, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, de onde, em seguida, sai a procissão com a imagem de Nossa Senhora das Dores. A parte social inicia no dia 6, os festeiros realizam a Alvorada e o café da manhã comunitário na casa de Dona Alzira Dias. Nos dias de festa, a partir das 20h, na Praça Saraiva, há quermesses, comidas típicas, leilões e bingos. As associações religiosas e de leigos da Igreja cuidam das barracas, as referidas associações e as ruas responsabilizam-se pelos leilões na sua noite. Durante os leilões, algumas famílias são homenageadas.

Nos dias de festa em louvor a Nossa Senhora das Dores, as ruas, as casas, a praça a igreja são consumidos pelos caminhantes-devoto em festas, que se iniciam com a Alvorada.

Um rito que comunica aos moradores da paróquia que os dias de festas começaram. Assim, a festa de Nossa Senhora das Dores é pensada a partir das narrativas de devoção, dos gestos, das expressões de fé e de religiosidade.

Narramos histórias de fé, de religiosidade e de espiritualidade. Histórias de devoção popular que marcam o cotidiano de uma comunidade, que definem, aprofundam e fortalecem os vínculos de indivíduos uns com os outros e com seus ancestrais. Histórias presentes nas ruas, nas praças, nas casas, nos lugares de memória vivenciados, praticados e consumidos por fieis em rituais, festas e celebrações tradicionais da cultura brasileira, nordestina e piauiense em particular. Histórias de homens, mulheres e crianças marcadas pela tradição cultural de um tempo presente, em rápida e constante transformação (PINHEIRO, 2009: 15).

A Alvorada é o chamamento para conviverem esses dias de festa, é o rito de comunicação desses dias solenes, ela marca o início da festa, um anúncio festivo, por meio do cortejo pelas ruas do bairro Centro. A Alvorada é um cortejo que se derrama por algumas ruas do Centro de Teresina, é um cortejo porque, diferente da procissão que percorre algumas ruas com o santo, são as pessoas da comunidade que desfilam a si próprias, que encontram as outras para anunciarem os dias de festa, não há presença do andor, da imagem do santo padroeiro, embora esses fieis, durante a Alvorada, estejam incumbidos de fazer um chamamento à comunidade para essa ocasião festiva. “No cortejo são as pessoas que se desfilam a si próprias. Não há andores, e são eles mesmos, figurantes que tocam, cantam e dançam” (BRANDÃO, 1989:38).

No itinerário da Alvorada, os festeiros estão às portas de suas casas. Assim, eles se sentem a salvo e sob a tutela da divindade, participam do desfile de passos lentos e compassados, outros se cumprimentam de longe, apenas com acenos e risos contidos. Eles se conhecem, muitos são vizinhos. Os vizinhos se cumprimentam, eles estão nas janelas, outros saem até a calçada e conversam com um conhecido que está na Alvorada. O percurso da Alvorada é uma trajetória conhecida, pois diariamente eles cruzam esses espaços, pois muitos deles residem nestas ruas. À medida que os festeiros caminham por estas vias, eles vão encontrando pessoas e lugares de seu convívio diário. As casas, os comércios, os bares, as clínicas são lugares praticados, portanto, espaços vividos, pedaços da cidade que eles conhecem, as ruas são trajetos do dia a dia. Na festa de Nossa Senhora das Dores, os caminhantes-devotos soltam a folia pelos espaços que percorrem durante os dias de festa:

“passam pelas moradias, ali cantam apresentando-se como devotos em jornada, cantam pedindo os bens da festa, cantam agradecendo e abençoando a todos, cantam anunciando a Festa do Santo [padroeira das Dores]” (BRANDÃO, 1989: 137).

Os caminhantes-devotos caminham com passos lentos em direção a uma das casas da comunidade, onde acontece o café da manhã. Nessa ocasião se dá o término da Alvorada. O café da manhã é um evento muito esperado pela comunidade, é um momento solene, de encontro e partilha. É chamado de parte social da festa em louvor a Nossa Senhora das Dores. Os donos dessa casa estão a espera do cortejo.

A organização do café é um trabalho comunitário. A comunidade o vê antes, não como um trabalho em si mesmo, mas como contribuição à festa, é o estar junto ativamente, no sentido de querer fazer parte desse festejo, de torná-lo vivo com a presença das pessoas. Além disso, o próprio cortejo é uma forma de visualizar não apenas a festa, como também os festeiros. O café da manhã é momento de encontro, da mesma maneira os dias de preparação da festa, da Alvorada, do café da manhã. Esses ritos são momentos de comunhão, de contato, de interação, são momentos fortalecedores dos vínculos sociais e de religiosidade, de fé a Nossa Senhora das Dores. A festa de Nossa Senhora movimenta a paróquia, congrega os caminhantes, e reaviva os laços que eles teceram, tendo em vista os valores que eles compartilham, como o compromisso, a obrigação de festejar Nossa Senhora das Dores.

Assim, a festa tem seus personagens, eles são os caminhantes-devotos. Contudo, a Alvorada, o café da manhã têm muitos outros personagens anônimos. Essas ocasiões são momentos de encontro, de partilha; as relações sociais são vividas com muita intensidade. A festa toca as dimensões do cotidiano e das suas dificuldades, pois quando celebramos a fartura e a abundância, afastamos o perigo da fome, as mazelas que nos assombram. Esse ritual sacrificial é uma oferenda a toda a comunidade. Essa comunidade faz o café da manhã para receber os caminheiros, após a sua jornada de anúncio dos dias de graça, dos dias de festa. Mas também fantasiam dias gloriosos, dias onde tudo é bom, onde não há fome e pobreza. A festa reflete os anseios do dia a dia, ou seja, revela os sentimentos e os ideais de vida, que são elaborados durante os dias comuns. Eles andam como peregrinos, revelando com palavras e cantos os dias gloriosos que viverão.

Os festejos, em setembro terminam no dia 15, dia dela [Nossa Senhora das Dores]. Fazemos um café da manhã para a comunidade, a comunidade faz. Ela se convida uns aos outros, eu dou logo a minha residência, mas pode ser de outra pessoa. A gente vai longe avisando e dizendo assim que o café da manhã vai acontecer. O padre organiza para sair de lá às cinco horas ou cinco e meia da manhã, com aquela turma de jovens, muitos que vão saindo aí pelas ruas e vêm chegar aqui no lugar do café. E vem o pessoal que acompanha, a gente bota músico, vem tudo cantando, o padre vem sempre na frente. Chega aqui é uma procissão. É uma procissão (ALVES, 2011: s/p).

O café da manhã é uma metáfora religiosa, pois, como nos relatou Dona Alzira (ALVES, 2011), as pessoas se servem e também servem aos outros, mas sempre naquela oração. Portanto, não é um café da manhã qualquer, é o café da manhã cujo sentido é viver em comunidade. O comer junto é uma maneira de festejar.

A festa no altar

A festa no altar é uma soma de dramas sociais, na concepção de uma variedade imensa de gestos e símbolos e movimentos corporais. O altar de Nossa Senhora é um recinto sagrado, nele os devotos expressam seus sentimentos, portanto, é produto da experiência religiosa. Os festeiros sobem ao altar com suas alegrias, como também com suas angústias. O altar é o símbolo de comunicação com o alto, com o céu, com os santos (ELIADE, 1992). O espaço da igreja das Dores é qualitativamente outro, sagrado. No interior da qual os festeiros de Nossa Senhora, através das devoções, podem se comunicar com as divindades, sobretudo, com Nossa Senhora das Dores. Essas devoções definem comportamentos religiosos específicos.

Os festeiros usam o corpo para expressarem a devoção a Nossa Senhora. No corpo, as manifestações de piedade, de dor, a expressividade e a direção do olhar, a inclinação do rosto, o modo como movimentamos as mãos são uma maneira de comunicação simbólica. Sendo assim, há a educação do andar, do ver, do tocar, do subir, do ficar em pé, do correr. Ao corpo é ensinada a resistência, a fé, a dignidade, a elasticidade, a humildade, a respiração, a concentração, a emoção, a afetividade. Após a bênção final da missa-novena ou do toque do sino da catedral, os festeiros recebem esses sinais e ordenam os movimentos do corpo, os gestos, o corpo espera esses toques para permanecer em pé, sentados, ajoelhados.

De onde partem, com toques de campanha ou gestos solenes, como na consagração, os sinais que ordenam as posições corporais de todos os outros ou pelo menos dos que sabem como se deve estar a cada momento: sentado, de pé ou de joelhos (BRANDÃO, 1989: 144).

Dessa maneira, na igreja Catedral, a festa também acontece no altar de Nossa Senhora das Dores, espaço para a realização da intenção dos gestos, ou seja, o poder da graça está onde habita a Santa das Dores, “[...] sendo a festa o espaço da sociabilidade do devoto consigo mesmo e com a santa” (COELHO, 2001: 920). No altar, os festeiros sobem com seus terços e rezas. A morada do altar da Santa agora é a sua própria habitação, “os lugares possuem padroeiros [padroeiras], e assim as casas, as famílias, os grupos diferenciais da vida cotidiana, as pessoas” (BRANDÃO, 1989: 35). Dessa forma, a festa é uma caminhada que “circula o sagrado pelo espaço comum da vida cotidiana” (BRANDÃO, 1989: 37). Os dias de festa do santo padroeiro são momentos de louvor a ele, para os devotos são dias propícios para render-lhe honrarias e agradecer. São dias solenes, de prece, de oração, de reza, cantos, missas, procissão, novenário. “chamamos de festividades religiosas às quermesses das igrejas, às procissões, às novenas e a outros acontecimentos de caráter religiosos” (CASTELO BRANCO, 2010: 86).

A Festa na Praça Saraiva

A festa de Nossa Senhora das Dores, em meados da década de 1980, era realizada com grande animação, era um dos maiores divertimentos da população de Teresina. Na festa havia leilão, barracas e liturgia. A parte litúrgica era realizada no interior da igreja, com a missa, sermões, cantorias; a outra, chamada de parte social, era constituída pelas quermesses, havia barraquinhas de comidas e bebidas alcoólicas. Essa parte se desdobrava em outro momento da festa, o arraial. Na festa do arraial havia muitas brincadeiras, roda gigante, jogos de azar, música, grupos culturais, apresentações folclóricas. A juventude e a população estavam presentes. Contudo, após a reforma da Praça Saraiva, no governo Wall Ferraz², foram proibidas aquelas festas, por ser consideradas festa de interior, não cabia mais para uma festa que ocorre em um Centro como Teresina. Assim, a festa foi reduzida, sendo realizada, por um

² Foi vereador de Teresina nos anos 1954 e 1958, vice - prefeito em 1962. Em 1985 é eleito prefeito de Teresina, em primeira votação direta após o regime militar.

tempo, atrás da Catedral de Nossa Senhora das Dores, na Toca de Assis,³ um centro de acolhimento dos Filhos e Filhas da Pobreza e dos pobres e desvalidos. O centro fechou em 2010, funcionou por seis anos. Atualmente, a festa de Nossa Senhora das Dores acontece novamente na Praça Saraiva.

Os festejos eram realizados como nas grandes paróquias, constando do novenário no interior da igreja [parte litúrgica] e a outra na parte externa. Constando de barraquinha, administrada pela paróquia [com comidas típicas] e com tolerância até para bebidas alcoólicas [só cerveja. Hoje foram proibidas bebidas alcoólicas.] e refrigerantes; a outra parte, o chamado arraial [com roda gigante, jogos de azar, e outras manifestações folclóricas e culturais, bandas de música, alvoradas, fogos de artifícios, etc.]. Nas Paróquias do Centro, nós estamos fazendo de maneira reduzida. Faz-se no pátio, para essa mudança há vários fatores: a parte social não se adequava ao centro, porque se adequava mais às festas do interior. Hoje com outros atrativos para a juventude, de acordo com o espírito da juventude, naquela época não tinha a Potycabana, na igreja ficam mais as pessoas de idade, para conversarem, como se fosse um clube para eles. A proibição [a festa de Nossa Senhora das Dores passou a ser realizada no Centro Toca de Assis] foi devido a uma condição imposta pela reforma da praça no governo Wall Ferraz, não se fazer na praça esses eventos para não sujar a praça, danificá-la (MELO, 2007: s/p).

A festa reduziu seu raio de abrangência, ficando restrita à Praça Saraiva, quanto ao espaço físico, porque com referência às relações cotidianas e às memórias dos festeiros, a festa acontece em muitos outros momentos das vidas desses festeiros. A festa de Nossa Senhora proporciona o reencontro, as conversas, a alegria, o riso solto, o aconchego, a intimidade e a familiaridade mais densa:

Agora há mais aconchego das famílias, que vêm para se encontrarem, é um ambiente que favorece a conversa e a família. A relação da comunidade, os festejos e a igreja das Dores é uma relação muito boa, conhecem-se as pessoas, uma verdadeira confraternização durante dez dias (MELO, 2007: s/p).

Desse modo, interessam-nos essa familiaridade formigante no sentido de trabalho conjunto, do dia a dia. A refeição comum que eles proporcionam uns aos outros. O comer em festa estreita os laços de amizade, de vizinhança, de família. É uma perspectiva da celebração a partir do comer em festa, tendo em vista um dos espaços e que acontece esse banquete: a

³ O Padre Roberto José Lettiere, em maio de 1994, juntamente com três outros seminaristas fundaram uma Fraternidade de Aliança Toca de Assis, que presta acolhimento aos sofredores da rua, inspirada nos ensinamentos de São Francisco.

Praça Saraiva, que é um lugar praticado, pois múltiplos caminhos são desenhados à medida que os passos caminheiros elegem e inventam rotas e desvios.

No local significativo da festa, pois se transformava em centro de uma sociabilidade mais ampla. Momento em que os participantes reafirmavam seus laços de parentesco, amizade e vizinhança, num ambiente de confraternização. As portas se abriam e, com isso, a possibilidade de consolidar os laços de família, a afeição para com os amigos e os nexos interpessoais, além de se criar oportunidade para novos contratos sociais, ampliar o grupo de pessoas que conheciam (PINTO, 1994: 248-249).

As comidas fazem parte das celebrações religiosas e festas de modo geral. As festas regionais enfatizam os sabores e pratos *regionais*: a carne do sol de Campo Maior; a farofa com carne de bode e a paçoca de carne seca, de Teresina; a manga, de Altos. A festa do caju, em Teresina, “[...] a alimentação torna-se, progressivamente, um elemento essencial da estruturação dos grupos, e de expressão de uma identidade própria e origem de um pensamento simbólico” (AGNOLIN, 2005: 215). Os etnógrafos estudaram as cerimônias e os rituais sacrificiais que envolviam animais e serem humanos, notadamente referiram-se as tribos africanas ou à cultura indígena, evidenciando as preferências alimentares, os comportamentos à mesa, as relações entre alimento, mito, magia e cultura. Os animais sacrificiais serviriam de alimento aos deuses. Além das prescrições religiosas dos alimentos, as refeições têm função social.

A formação do gosto alimentar é social, situada no tempo e espaço históricos: “[...] meu olhar de criança viu e memorizaram gestos, meus sentidos guardaram a lembrança dos sabores, dos odores e das cores” (CERTEAU, 1996: 213). As comidas cozidas são mistura/reunião de temperos, ingredientes, preparadas com todos os rituais de camadas sobrepostas de recheios, produto do aprendizado afetivo, remetido ao tempo esperado entre o ferver da água e o descascar das batatas, neste ínterim há os momentos de celebração, em que todos se confraternizam à mesa. O fogo é um domínio cultural, ele purifica o alimento, destruindo substâncias danosas ao homem, é o elemento cultural no preparo dos pratos, por isso que, para a cultura grega, por exemplo, os selvagens eram aqueles que comiam carne crua.

O alimento nutre o corpo, sem ele não teríamos energia para as atividades do cotidiano. Assim, temos que nos alimentar diariamente. Comer remete ao um comprometimento social, pois não comemos de qualquer maneira e muitos menos qualquer alimento. O ato de preparar os alimentos bem como as misturas que fazemos é permeado pelo modo de fazer ou arte de fazer, portanto, uma prática social.

A alimentação representa uma das necessidades primárias que condicionam a existência do homem. Porém, na civilização humana, ela representa também um sistema simbólico através do qual se exprimem aspectos e situações sociais, culturais, além de formas de uma identidade histórico-cultural. A Antropologia e a história da alimentação, os costumes dietéticos e suas consequências, as formas de produção dos alimentos e a função de mercadoria, que eles adquiriram no decorrer do tempo, são aspectos importantes de uma interseção significativa (AGNOLIN, 2005: 214-215).

A cozinha, de um modo geral, é um lugar de sensibilidade, de criatividade, de experimentações, de imaginação e da arte de fazer e preparar os alimentos. O sal a gosto ou o ingrediente especial dão aos alimentos o “abençoado lugar de uma doce intimidade, conversas sem nexos travadas a meias-palavras com a mãe que vai e volta da mesa para a pia para o fogão” (CERTEAU, 1996: 259). A cozinha é um sistema cultural, múltiplo e rico em temperos, sabores e cheiros, e tem a marca da cultura alimentar própria de um lugar ou região. Nela são experimentados os primeiros contatos com a cultura, com os outros.

A vida da festa está relacionada à vida cotidiana dos festeiros, porque as relações de vizinhança, de comprometimento diário entre eles e a igreja garantem a continuação da festa. Os homens precisam ser alimentados diariamente. O pão é o símbolo das durações. Homens e mulheres trabalham pelo pão de cada dia. Desse modo, é através desse trabalho diário em busca do pão de cada dia, ou seja, trabalho do cotidiano, aquilo que fazemos todos dias: acordar, preparar alimentos, trabalhar, conversar com os vizinhos. A vida de todos os dias é o alimento da festa de Nossa Senhora das Dores, pois para que ela aconteça a vida desses festeiros precisa ser saciada, além da rotina diária e das relações entre os vizinhos, a festa é beneficiada por esta rede de relações cotidianas, porque o festeiro também se alimenta do corpo e do sangue de Cristo.

O que se come e o que se bebe na festa de Nossa Senhora das Dores não são ingeridos por necessidades do corpo, mas por serem alimentos culturalmente dirigidos, simbolizam, como faziam Jesus e os discípulos na Santa Ceia, a comunhão. A comida estabelece uma relação simbólica entre os festeiros. “Não é o alimento em si, na potência intrínseca de sua substância, a fonte isolada da força vital. São os elementos psicológicos decorrentes da refeição” (CASCUDO, 2001: 350). A festa de Nossa Senhora das Dores oferta a oportunidade dos vizinhos se encontrarem. Desse modo, “o mundo das comidas nos leva para casa, para os nossos parentes e amigos, para os nossos companheiros de teto e de mesa” (DAMATTA, 1997: 53-54). O que preparamos em casa possui o tempero, o modo de fazer todo especial e isso é doado para os demais festeiros da Igreja das Dores, pois aquilo que comemos em casa agora é comido por meus vizinhos, ao oferecer um prato de comida ao vizinho, este sinal permite que as relações de vizinhança sejam fortalecidas.

A comida reúne, e aqui nos referimos, primeiramente, à comida das barracas, porque ela é capaz de introduzir também os estranhos ou os festeiros de ocasião no mundo cultural e simbólico da festa de Nossa Senhora das Dores. Já os leilões têm uma ordem e significados: prestar homenagens, manter e estabelecer relações afetivas e amigáveis, frequentar os altares e conviver com a divindade. As joias dos leilões ou as comidas das barracas são os alimentos repartidos, doados. São as dádivas. Uma prática cultural que acontece na Praça Saraiva, na ocasião dos leilões e durante a comercialização de comidas artesanais das barracas. “O mais essencial é aquele que se produz quando o espírito partiu. É então que se pratica a comunhão alimentar” (MINTZ, 2001: 57). O comer em festa é uma virtude sagrada, informada pela religiosidade liberada pelo corpo sacrificial, tendo em vista que é um momento de comunhão e de partilha. O sentimento de doação e solidariedade permeia o encontro dos festeiros na Praça Saraiva, os festeiros invadem a Praça com os leilões e barracas de comidas, onde estão as virtuosidades culinárias e os detalhes cotidianos.

O comer coletivo, remete o sistema ritual complexo de arrecadação das joias e as comidas das barracas, faz parte da celebração a Nossa Senhora das Dores. As comidas escolhidas levadas à festa não são qualquer comida. Antes é produto de uma inventividade

artesanal. Relaciona-se à especificidade do gesto, da cozinha, da medida dos temperos. A festa é, dessa maneira, feita através das mãos de homens e mulheres, e seus gestos cotidianos.

As joias dos leilões são entendidas como dádivas, pois consideramos a obrigação em ofertá-las, como simbólica, elas são a força afetiva da comunidade. A obrigação é um ato social de pertencimento ao grupo, é o vínculo, o compromisso que selamos com toda a comunidade. O sistema de trocas de dádivas é complexo. Aquele que doa, faz isso embebido de modéstia, demonstração de desapego ao presente ofertado, por outro lado, a joia é celebrada com solenidade, apresentada com grandeza. Contudo, a sua grandeza advém do reconhecimento social do doador. O não doar é o mesmo que não estar presente. Deixar de retribuir acarreta o enfraquecimento, perda da face coletiva do festeiro. Por outro lado, as dádivas não são entendidas como puras doações de caridade. As dádivas são forças simbólicas de organização social, não apenas da festa, como também da vida cotidiana da paróquia. A festa é uma das vivências dos festeiros, portanto, faz parte dos seus cotidianos.

A compreensão da dádiva como o sistema de trocas básico da vida social permite romper com o modelo dicotômico típico da modernidade, pelo qual a sociedade ou seria fruto de uma ação panificadora do Estado ou do movimento fluente do mercado. O entendimento do sentido sociológico da dádiva quebra esta dicotomia para introduzir a ideia da ação social como interação, como movimento circular acionado pela força do bem [simbólico e material] dado, recebido e retribuído, o qual interfere diretamente tanto na distribuição dos lugares dos membros do grupo social como nas modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio (MARTINS, 2005: 53).

O comer em festa sintetiza o sistema de trocas de dádivas da festa da padroeira da catedral de Teresina. Os festeiros de Nossa Senhora das Dores se organizam socialmente através das comidas dos leilões das barracas, que são gestos de reciprocidade comunitária, que estabelecem vínculos sociais.

Referências bibliográficas

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

AGNOLIN, Adone. O código alimentar. In: *O apetite da antropologia. O sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ALVES, Alzira Dias. Entrevista concedida à Francisca Márcia Costa de Souza. Teresina, maio, 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Historia da alimentação no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. As festividades religiosas. In: MENDES, Maria Cecília [org.]. *Antologia: II Congresso Eucarístico Arquidiocesano*. Teresina: Halley, 2010.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Lucy; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

COELHO, Geraldo Mátiros. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade: o culto da Virgem de Nazaré no Pará Colonial. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris [orgs.]. *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, vol. II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.

CONVITE. Festejo de Nossa Senhora das Dores. Deus é o Amor. Paróquia de Nossa Senhora das Dores. Teresina, set., 2011.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista críticas de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 73, p. 45-66, dez., 2005.

MELO, Luís Soares. Entrevista concedida à Francisca Márcia Costa de Souza. Teresina, set., 2007.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.

MOARES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. 3. ed. Revisão de nota de L. da Câmara Cascudo. Nova edição revista e aumentada, prefácio de Sylvio Romero, desenhos de Flumen Junius. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1946.

PINHEIRO, Áurea. *Celebrações – Celebrations*. Fotografias de Cássia Moura. Teresina: Educar: artes e ofícios, 2009.

PINTO, M. I. M. B. *Cotidiano e sobrevivência*. A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914. São Paulo: Edusp, 1994.

SOBREIRA, Conceição Maria de Meneses. Entrevista concedida à Francisca Márcia Costa de Souza. Teresina, nov., 2010.

_____. Entrevista concedida à Francisca Márcia Costa de Souza. Teresina, jun., 2007.